



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
inauguração das obras de recuperação do Quarteirão dos Trapiches**

Laranjeiras-SE, 12 de junho de 2009

Meu querido companheiro Marcelo Déda, governador do estado de Sergipe, e sua companheira, Eliane Aquino,

Companheiros ministros Fernando Haddad, da Educação; e Juca Ferreira, da Cultura,

Companheiro senador da República, Almeida Lima,

Companheiro deputado estadual, Iran Barbosa,

Nossa querida prefeita Ione Sobral, prefeita de Laranjeiras,

Companheiro Josué Modesto Sobrinho, reitor da Universidade Federal de Sergipe,

Vereadora Maria Brasilina Borges, presidente da Câmara Municipal,

Companheiro Luiz Fernando de Almeida, presidente do Iphan,

Companheiro José Ailton Batista, diretor do campus de Laranjeiras,

Nosso querido companheiro José Eduardo Dutra, presidente da BR Distribuidora,

Companheiro José Macedo Sobral, secretário do Trabalho de Sergipe,

Senhora companheira Eloísa Galdino, secretária de Cultura de Sergipe,

Senhor Carlos (incompreensível) de Souza, vice-presidente do (incompreensível) da Universidade Federal de Sergipe,

Companheiro Déda, companheiras – não sei se este som está funcionando, está perfeitamente bem – eu não tenho... depois de falar antes de mim uma quantidade de gente sabida como esta que falou aqui, eu fico pensando o que eu vou falar.

Eu, de vez em quando, Déda, fico pensando se as pessoas que



tivessem governado [governaram] o Brasil antes de mim, tivessem tido um pouco mais de preocupação com o Brasil. As pessoas falam muito em governar o Brasil quando, na verdade, o que nós temos que fazer é cuidar do Brasil, é cuidar do Brasil como a gente cuida da família da gente, fazendo com que todos sejam tratados de forma adequada. Agora, me parece que ao longo da história, as pessoas que chegavam ao governo... Nós já tivemos muitos advogados que chegaram ao governo, já tivemos usineiro, já tivemos gente muito letrada que chegou ao governo. Eu fico imaginando por que essa gente não fez as coisas certas que tinha que fazer, e ainda permitiu que se estragassem as coisas boas que a gente tinha. Por exemplo, vamos pegar este prédio aqui, e a gente olhar que este aqui estava igual a este aqui, e olha que o (incompreensível) ficou bonito. Virou um cartão postal da cidade de Laranjeiras. Vocês, agora, quando quiserem mostrar a cidade de vocês, vocês podem mostrar uma fotografia da Universidade Federal de Sergipe, campus de Laranjeiras, um prédio histórico, recuperado, bonito.

Mas, o que nós estamos fazendo no Brasil hoje, Déda, é recuperar o desmazelo de muita gente que governou este país nesses últimos cem anos. Por que a gente chega ao Rio de Janeiro, a São Paulo e a muitas cidades do Nordeste, e a gente encontra um monte de gente morando em favelas? Por que a gente encontra um monte de gente morando em situações totalmente inadequadas? É porque a verdade é que o pobre só é utilizado em época de eleição. Não tem nada que tenha mais valor do que um pobre em época de eleição. Em época de eleição, o candidato passa pelas ruas, ele cumprimenta até um companheiro que está com uma carrocinha catando papel nas ruas. Mas, depois das eleições, muita gente se esquece do pobre.

Esses dias eu fui a um encontro no Rio de Janeiro – eu estava contando isso para as pessoas. Aquele Complexo do Alemão, a Favela de Manguinhos, aquilo era tudo fazenda 50 anos atrás. Era fazenda. Por que se construiu uma favela tão imensa? O povo não gosta de morar mal. O povo adora morar em



um lugar bom, adora ter uma casa boa. Quem não quer ter? Mas me parece que as pessoas se esqueceram de que governar este país é a gente olhar para a totalidade do seu povo, e como uma mãe, que é o papel do governo. Dentro daquela família grande de 190 milhões de habitantes, a gente olhar com olhar de mãe e tratar daquela criança que está mais frágil. Se tem um gordo, forte, que está brincando, e tem um mais raquítico que está meio doentinho, de quem a gente trata mais? É do magrinho, que está mais fraco. No Brasil não era assim. No Brasil, quem era rico ficava cada vez mais rico, e quem era pobre ficava cada vez mais pobre.

Isso, também, a gente não consegue mudar em uma década, porque é um acúmulo de desmazelo de 500 anos, é um acúmulo de desmazelo de muitos anos. E, para que a gente possa recuperar isso, é preciso a gente esperar, quem sabe, 20 anos, 25 anos, com governos sucessivos, comprometidos com o povo, para a gente poder ter a mudança.

Aí é que eu quero explicar para vocês porquê o meu orgulho e a minha paixão com a [pela] Educação. Eu, de vez em quando, fico pensando por que pessoas tão importantes que passaram pelo governo do Brasil, pessoas letradas, pessoas que eram doutores, eram mestres, eram mais não sei... – tem tantos títulos – eu fico pensando por que eles não fizeram isso, por que não investiram na Educação. Eu vou explicar para vocês o sucesso da nossa política em Educação. Primeiro, nós temos que dar mérito ao ministro Fernando Haddad, que tem trabalhado com uma competência extraordinária, tem trabalhado com uma competência extraordinária. Eu jamais imaginei ele ministro da Educação. Ele poderia ser de qualquer outra área, mas não da Educação, e terminou... Por não ser meramente um professor, ele virou um... Acho que não vai ter na história um ministro que participou da construção de tudo o que nós estamos fazendo hoje neste país.

E estamos fazendo isso, sabem por que, meus companheiros e companheiras? Eu estava olhando a cara de vocês quando o Fernando



Haddad estava falando, e eu comecei a me lembrar de quando eu tinha a idade de vocês. Quando eu tinha a idade de vocês, muito tempo atrás, eu já tinha a certeza de que eu não ia conseguir fazer universidade. A gente já sabia. Quem nasce no meio dos ricos pode até fazer pós-graduação na Europa. Mas quem nascia no meio dos pobres, no Brasil, já sabia que o máximo que ele poderia fazer, no caso de um milagre, era o pai ter dinheiro para pagar um curso em universidade particular, porque nas públicas ele não conseguia entrar nunca.

Como eu tinha vontade de fazer universidade e não consegui fazer, eu acho... Cada vez que eu olho para vocês, eu fico pensando: vocês têm que ter aquilo que eu não tive, vocês têm que ter aquilo que eu não tive. Cada pobre deste país, cada cidadão de classe média, cada empresário que tem filhos, tem o direito de colocá-los na universidade. A universidade não é berço para ricos. A universidade é o lugar que vai garantir a igualdade de oportunidades para homens e mulheres do interior e da capital. Garantir, verdadeiramente, que os pobres possam estudar.

E aí aconteceu o primeiro milagre, o Prouni. Não sei se aqui tem aluno do Prouni. Mas o Prouni hoje já tem 545 mil alunos e metade deles são meninas e meninos negros, coisa que era rara. Eu acho que tem mais negros e negras estudando hoje nas universidades brasileiras do que durante todo o tempo da descoberta do Brasil, porque era quase proibido chegar à universidade. Então, o Prouni já tem 545 mil alunos e a nossa expectativa é que chegue a 720 mil alunos até o final do ano que vem.

O Reuni, o reitor teve que trabalhar muito para que a gente aqui fizesse Reuni. Tinha alguns poucos jovens que não queriam que nós fizéssemos o Reuni. O que era o Reuni? Era um acordo que nós fizemos com as universidades federais para que a gente elevasse a média de alunos, por professor, de 12 para 18. E tinha uns poucos estudantes que quebraram reitorias em São Paulo, quebraram reitorias, não sei se aqui em Sergipe, mas quebraram reitorias no Rio de Janeiro. Quebraram reitorias porque eles



achavam que era demais 18 alunos por sala de aula. Como eles já tinham chegado, eles não queriam que os outros chegassem. E nós queríamos que os outros chegassem à universidade, que tivesse a chance de os pobres chegarem à universidade pública. E o que aconteceu? O número que o Fernando Haddad deu para vocês e o que o nosso companheiro que representou os estudantes falou aqui: nós tínhamos 113 mil vagas por ano de renovação nas [universidades] federais. No ano que vem já serão 227 mil, ou seja, mais do que o dobro daquilo que entrava na universidade.

Eu acho que nós temos que investir mais em educação. Por isso é que no governo foi proibido a gente utilizar a palavra “gasto” com educação, foi proibido. Cada ministro sabe que ele tem que ter consciência de que o investimento de mais retorno é a educação, porque estaremos investindo na inteligência do ser humano, na formação de profissionais que depois vão servir à nação brasileira, por isso que nós estamos apostando na Educação. Eu sei o que é um homem sem profissão. Ele parece um ser humano igual a todos nós, mas um cidadão que não tem informação “come o pão que o diabo amassou” quando vai procurar emprego. Imaginem um cara sem educação, vai procurar emprego, chega na porta da loja, da fábrica, o diretor de Recursos Humanos pergunta: “O que você sabe fazer?” “Nada”. Ou ele fala: “De tudo um pouco”. Também é nada. Então, o cidadão precisa aprender uma profissão, sobretudo os jovens, que é o tempo em que a gente aprende com mais facilidade. Mas, muitas vezes também é o tempo em que a gente tem preguiça. “Ah, eu não vou estudar porque eu não estou com vontade”. Quem não estudar agora, vai se arrepender daqui a 20 ou 30 anos.

Nós, cada vez que inaugurarmos uma escola como esta, iremos ter menos necessidade de criar uma cadeia na cidade de Laranjeiras, em Aracaju ou em qualquer outro lugar. É uma aposta que nós estamos fazendo. É trocar os investimentos que se fazia em cadeias, no futuro, para a gente investir em Educação, formar as mulheres brasileiras... Eu estou vendo aqui os nossos



jovens do ProJovem, estou vendo aqui... Com esse programa do ProJovem, nós queremos tirar 4 milhões e meio de jovens brasileiros, meninas e meninos, que têm de 17 a 24 anos, que pararam de estudar e que nós queremos trazer de volta para a escola, pagando uma ajuda para eles e formando-os profissionalmente. Se Deus ajudar, a gente vai conseguir atingir os 4 milhões e meio de jovens que estão deserdados no Brasil.

Mas a formação profissional, que eu dou uma importância tremenda... Se a gente der uma profissão para uma mulher e para um homem, uma profissão boa, raramente essa pessoa vai ficar desempregada. Dentro do território nacional, em qualquer lugar que ela for e perguntarem “o que você sabe fazer?”, ela vai dizer: “Eu sou enfermeira, eu sou especialista em turismo, eu...” Se ela tiver uma profissão, o mercado para ela está garantido, e o que é mais importante é que a mulher fica mais independente. Ela não fica subordinada ao salário do marido, ela não fica subordinada ao salário do seu companheiro, porque uma mulher só pode morar com um homem porque ela gosta dele, porque ela o ama, e não porque ela precisa do dinheiro dele. Então, a profissão, para a mulher, é uma coisa sagrada. É elevar o nível de independência da mulher brasileira, e o dos meninos também. Um menino bem-formado vai arrumar emprego em qualquer lugar deste país.

Então, a aposta que nós estamos fazendo é fazer com que o investimento em Educação chegue ao interior, porque nós não podemos ver, como o Déda mesmo disse, um jovem com 17 anos terminar o 2º grau e não saber o que fazer da vida. Às vezes tem que ir para a capital para tentar a sorte no vestibular. Se der sorte e se estudou muito, passa. Aí, depois, não tem nem onde morar. Se ele é pobre e não pôde passar na federal, ele vai para a particular. Faz o vestibular e passa. Quando chega fevereiro, quando ele fica sabendo o preço da mensalidade, está fora da universidade.

Ora, meu Deus do céu, neste mundo, cada vez mais... Este mundo, cada vez mais... O mundo precisa de cada vez mais inteligência, o mundo



[está] cada vez mais automatizado, o mundo está hoje subordinado a uma engenharia eletrônica que a gente não imaginava que fosse existir tão rapidamente. Se a gente não preparar a juventude, o que vai ser do Brasil? O que vai ser deste país? Se vocês não estudarem, daqui a dez anos o que vocês estarão fazendo na vida? Nada, nada. Mesmo que cresça o estado, mesmo que cresça a economia, o mercado de trabalho está exigindo cada vez mais gente preparada. Antigamente, para pegar um servente de pedreiro, não se pedia nenhuma exigência. Mas hoje eles pedem o diploma de 2º grau, de 1º grau. Hoje eles pedem. Para alguma profissõzinha “merreca”, eles pedem até de 2º grau.

É por isso que nós estamos fazendo a combinação universidade com escolas técnicas profissionais, para que a gente possa formar nos dois ao mesmo tempo e a gente [possa] ampliar a possibilidade de oferta de mão-de-obra altamente qualificada para os vários setores do Brasil. Quando eu comecei dizendo “por que os outros não fizeram?”, é porque talvez os outros não tivessem [tenham] sentido na pele o que eu senti, de não ter um diploma universitário. Eles não sentiram na pele e não viveram o mundo que vocês vivem.

Por isso, Déda, eu acho... a grande coisa que vai acontecer depois de 2010 – pode vir aqui Marcelinho – o que vai acontecer? O que vai acontecer depois de 2010, Déda, é que nós criamos um outro paradigma, nós criamos um outro paradigma. Ou seja, acabou o tempo em que o Presidente da República não tinha que dizer o que fez. Agora não, eu vou chegar no dia 31 de dezembro, quando eu entregar o mandato eu vou entregar um pacote das coisas que foram feitas neste país, um pacote. Cada ministro vai ter que preparar... cada centavo que ele investiu, e vai ter que ir ao cartório, vai ter que registrar em cartório, para que eu possa entregar para todos os reitores das universidades do Brasil, para todos os dirigentes sindicais do Brasil, para cada parlamentar brasileiro, para cada governador e, sobretudo, para o sucessor,



sucessora talvez, quem sabe? Eu quero fazer isso porque quem entrar vai ter que olhar o que estava feito, e Deus queira que ele queira fazer mais do que eu. Deus queira que, em vez de 214 escolas técnicas, ele faça 500. Deus queira que em vez de 100 campi avançados, que ele faça 300. Quanto mais fizer, mais vai ser bom para o povo brasileiro.

E o Brasil, o Brasil saiu daquela fase em que nós éramos obrigados a nos entender como se nós fossemos cidadãos de segunda classe. O Brasil, cada vez que falava com a Europa ou com os Estados Unidos, o Brasil ia lá como se fosse um vira-lata, o Brasil não se auto-respeitava. E isso é muito importante, Marcelo, esse é o legado que a gente vai deixar para o povo. Vocês têm que saber que um cidadão brasileiro que tem apenas um diploma primário e um curso técnico chegou à Presidência da República. Por que eu cheguei e vocês não podem chegar? Eu cheguei pela perseverança, porque senão eu tinha desistido, perder três vezes não é fácil. Mas a cada vez que eu perdia eu achava que iria ganhar na outra, ganhei. Qual era o meu desejo? Era provar que inteligência não tem nada a ver com a quantidade de anos de banco de escola, são duas coisas distintas. Uma coisa é o conhecimento, e outra coisa é a inteligência. Eu queria provar que para governar este país você não precisa, necessariamente, ter um diploma universitário, porque este país tem que ser governado muito mais com o coração do que com a cabeça. Este país tem que ser governado para a maioria do povo que precisa. É para isso que o Estado existe, é para cuidar das pessoas mais necessitadas, sem esquecer dos outros, porque nós queremos governar para todos, mas nós temos que saber quem é o nosso horizonte, quem é a nossa orientação, para quem nós queremos governar, quem nós queremos ajudar. Nós queremos criar uma sociedade, não nivelada por baixo, mas uma sociedade nivelada por cima, onde todos possam, sem distinção, ganhar as (incompreensível).

O Marcelo Déda, quando eu vim aqui pela primeira vez, em 1985, era um menino. Foi candidato a prefeito em Aracaju. Falava que nem o diabo.



Falava... Naquele tempo, nem ele podia imaginar que ia ser governador de Sergipe, porque não era para nós. Governo era para os outros, era só para os outros. Nós só íamos assistir e bater palmas. Hoje ele está governador e eu estou presidente. Então, o povo aprendeu, e Deus queira que o povo aprenda muito mais, aprenda muito mais. E é para isso que a gente está fazendo escolas, porque se o cidadão tiver conhecimento, for inteligente e tiver sensibilidade, aí o Brasil estará arrumado para sempre. Não pensem que nós vamos parar, não. Nós estamos construindo, Déda... Tem mais quatro universidades para serem construídas, novas. Em vez de 12, seriam 16, não é isso, Fernando? Nós queremos fazer uma universidade, que vai ser feita lá na cidade de Redenção, no Ceará - onde foi a primeira libertação dos escravos - uma universidade entre o Brasil e o continente africano, com metade de estudantes brasileiros e metade de africanos.

Nós estamos fazendo uma também para a América Latina, uma universidade que vai ter estudantes de toda a América Latina, brasileiros, professores da América Latina e brasileiros, para que a gente faça uma mistura boa em toda a América Latina, para que a gente acabe com a fronteira. Nós temos que conhecer a história latino-americana, eles têm que conhecer a brasileira, nós temos que conhecer a da Argentina, do Peru. A gente fazer com que isto aqui seja um polo de integração, através da formação e qualificação de todos os jovens da América Latina.

Então, Marcelo Déda, quando eu venho a uma cidade como esta, vejo um prédio destes, e saber que na semana que vem os alunos já vão estar aí dentro estudando, Déda, eu fico pensando: a gente poderia ter feito uma fábrica aqui. Uma fábrica, você tem previsão: "a fábrica vai render 50 milhões por mês". Poderia fazer uma outra coisa qualquer, um restaurante... tem uma certa previsão. Agora, quando se [a gente] faz uma universidade, a gente não consegue medir o que essa universidade vai dar de retorno a Laranjeiras, a Sergipe e ao Brasil. A gente não sabe o retorno, porque a gente não sabe



quantos gênios vão sair dessa universidade. Deve ter muitos gênios, e aí vai vir atrás, Ione... Atrás vem um hotelzinho, vem uma pensãozinha, daqui a pouco uma fábrica quer se instalar e quer saber onde é que tem mais conhecimento. Aí a cidade vai crescendo, a universidade vai exigindo mais, vocês, estudantes, vão fazer mais greves, nós vamos ter que aumentar mais prédios, daqui a pouco vocês estão reivindicando mais coisas... A democracia é exatamente isso e é por isso que ela é extraordinária.

Por isso, Juca, querido Juca, eu quero te dar os parabéns e ao Luiz Fernando, do Iphan, pela recuperação disto aqui, e vamos ver se a gente recupera este também. Vamos ver se a gente recupera este também, porque... O que eu fico perplexo é como os caras não fizeram nada novo e ainda deixaram estragar o que tinha. É isso que me deixa perplexo. Este é um começo extraordinário. Você, Ione, e Marcelo Déda, que são os dois mandatários daqui, eu fico triste de saber que foi Dom Pedro II que veio aqui, em 1860, e só eu vim agora como mandatário deste país. Então, é uma coisa maluca, é uma coisa maluca isso, mas o Brasil era assim. Agora, a verdade nua e crua é que este país nunca mais voltará a ser o que era, nunca mais voltará. A minha oposição fica zangada, fica nervosa, eles sabem que eu tenho candidata a presidente da República. Eles sabem mais, e eles têm que saber mais: as mulheres de hoje não são subservientes como eram 30 anos atrás. As mulheres, hoje, não querem apenas lavar ou passar, como antigamente. Esse trabalho já era. As mulheres agora querem estudar, querem fazer política e querem chegar ao poder, elas querem ser governadoras de estados, prefeitas – já tem aqui – e por que não presidentas da República? Por que não?

Então, gente, eu só queria pedir para vocês o seguinte... Eu estou feliz sabem por quê? Porque quando eu entrei no governo... Eu carregava faixas, vocês devem ter carregado faixas “Fora FMI, fora FMI”. Nós devíamos 16 bilhões para o FMI. Nós chamamos eles, devolvemos os 16 bilhões deles, e esta semana emprestamos US\$ 10 bilhões para o FMI. Podem ficar certos de



que este país não volta a ser o que era. Este país só tende a crescer, e depende de nós, de mim e de vocês, e agora com a ajuda de mais um polo universitário, isso vai ficar cada vez mais fácil.

Quero, Déda, te dizer que a dona Marisa está meio nervosa com você porque sabe (incompreensível) que a gente marca a data bem antes, e a gente não se lembrava que era Dia dos Namorados, não se lembrava. Quase o Brasil inteiro está fazendo feriado prolongado. Muita gente viajou. Brasília está vazia. Quando, ontem à noite, eu confirmei para a dona Marisa que eu vinha para Sergipe, ela fez o que toda mulher sabe fazer, ou seja... Então, eu vou voltar para casa, vou levar o buquezinho de rosas que você prometeu que vai dar, e certamente vou dizer que fui eu que comprei, e vamos ficar em paz. Ela vai te ligar, se prepare.

Eu queria, gente, terminar dizendo para vocês o seguinte: hoje é um dia importante. Hoje é um dia importante porque eu acho que, mais grave do que qualquer outra coisa que nós temos no Brasil, o problema mais sério é a degradação da estrutura social deste país, são as desavenças dentro das nossas casas, são as desavenças de meninos e meninas que não respeitam mais os pais, de pais que não respeitam mais os meninos e as meninas, de uma televisão que não tem nada educativo para ensinar para essas pessoas. Então, a sociedade vai se degradando. Por isso que o dia de hoje é importante: Dia dos Namorados. Não tem nada melhor... Quem não tiver, hoje é dia próprio para arrumar namorada. Quem não tiver namorada ou namorado, trate de arrumar. A lua está quase cheia, ainda, a lua está quase cheia. Que Deus abençoe o povo de Laranjeiras e o povo de Sergipe.

Um abraço e até a próxima.

(\$211A)